

Juízos e Opiniões Correntes entre Povos Latino-Americanos e que Influem sôbre a Cooperação Técnica

T. LYNN SMITH

(Tradução de *Maria de Lourdes Lima
Modiano*)

PRINCIPIEMOS esta palestra com um breve comentário sôbre o que, a meu ver, constitui o elemento preponderante de nossa mentalidade, e sôbre os juízos e opiniões que nos orientam, quando porventura somos chamados a trabalhar, em nossa pátria ou no exterior, com pessoas de outras terras. Será que os norte-americanos usam tipo especial de "óculos" que dá uma deformação particular aos conceitos e idéias que encontramos em diferentes países ou entre estudantes e pessoas que vêm trabalhar conosco? Pessoalmente, acredito que sim. Nossa tendência é para ver tudo, tudo avaliar através dos "óculos da classe média". Poucos dentre nós chegam a adquirir a mentalidade de pessoa "fidalga", sendo ainda mais impossível, para nós, acomodarmo-nos ao modo de ver de quem vive uma existência de simples criatura, como a que prevalece na maior parte da população de tantas partes da Terra. Afirmaria, outrossim, que a extraordinária importância das atividades da classe média foi o fator principal que fêz dêste país o que êle é e, daí, a mentalidade que é peculiar a essa classe se haver tornado a nossa característica mais expressiva.

Já que são tão numerosas e variadas as definições e descrições de "classe média" e do seu *status*, talvez seja melhor que esclareça o que penso a respeito. Pessoa de classe média, ao meu ver, é quem exerce integralmente as três funções econômicas básicas. Como no caso de um administrador de pequena fazenda rural — talvez quem mais tenha concorrido para dar forma e substância à característica nacional que ora me proponho estudar — trata-se de quem exerce ao mesmo tempo as funções de capitalista em escala moderada, de empresário e administrador, e de trabalhador. Parte dos proventos oriundos da combinação dessas atividades na empresa agrícola corresponde aos juros sôbre o capital investido na fazenda ou empregado no seu custeio; outra parte decorre do que ganhou com suas atividades administrativas ou de gerência, e ainda outra equivale ao salário a que faz jus por seu trabalho rural. Deduz-se, logicamente, que tal homem terá em alta conta o direito da propriedade privada. Nunca alegará que essa propriedade foi roubada às massas. Nem tampouco, conhecendo por experiência própria o tempo, a ener-

gia, as provações e tribulações inerentes ao trabalho rural, pensará em menosprezar a contribuição dada pela administração ao processo produtivo. Finalmente, proclamará a dignidade do trabalho humano e lutará constantemente por sua proteção, bem como pela adoção e aperfeiçoamento de métodos que reduzam a mão de obra. Para êle, o trabalho manual jamais será um labéu indicador de condição servil ou semi-servil. Sentir-se-á horrorizado ao ver a maneira porque o trabalho é desperdiçado (literalmente: jogado fora) nas sociedades em que não domina a mentalidade de classe média. Permitam-me, pois, que reitere o que já disse: nosso ideário de classe média constitui uma espécie de óculos através dos quais apreciamos a vida e o trabalho em outras partes do mundo.

GRANDE VARIABILIDADE EM OPINIÕES E JUÍZOS DE VALOR

Volvendo agora ao nosso propósito inicial, o primeiro fato que nos compete ter sempre em mente é a tremenda variabilidade que se observa com referência a juízos e opiniões correntes em meio àqueles com que lidamos em várias regiões da América Latina. É inevitável que tal aconteça. Trata-se de vinte países distintos. Cada um dêles se caracteriza por um conjunto de condições geográficas e de recursos naturais particulares. Nenhum dêles recebeu, seja dos índios, dos conquistadores europeus, dos escravos africanos ou dos imigrantes mais recentes (inclusive, em várias partes importantes, vultosos contingentes asiáticos) exatamente a mesma herança social e cultural. As diferenças a serem observadas entre alguns dos países hispano-americanos, tais como Nicarágua e El Salvador, Colômbia e Equador, Bolívia e Chile, ou mesmo entre os mais opostos, tais como o México e a Argentina ou Honduras e Uruguai, não serão naturalmente de igual envergadura das que existem entre o gigantesco Brasil e qualquer dos países hispano-americanos. Também não se comparam com as que existem entre o Haiti e o Brasil ou entre o Haiti e qualquer outra parte da América espanhola. A despeito de tudo, são consideráveis. Muitas das idéias de maior significação ou estereotípias, com que nos deparamos em qualquer nação, diferem substancialmente das que se encontram nos países vizinhos. Além disso, dentro de cada um desses países, observa-se grande variação. Em questão de valores, como em tantos outros aspectos, à medida que se passa dos núcleos de colonização alemã, polonesa e italiana, no Sul do Brasil, para as fazendas de café em São Paulo, para as fazendas de gado em Minas Gerais e Bahia, para as plantações de cana de açúcar de Pernambuco e para as povoações ao longo do rio Amazonas, é quase como passar-se de um mundo para outro. E na Colômbia, a mentalidade da população em Narino parece inteiramente diferente da dos resistentes habitantes de Antioquia e Caldas, ou mesmo dos de outras partes da República, tais como Boyaca ou Madalena. Semelhantemente, a mentalidade dos brancos, índios e mestiços, que vivem nas encostas das altas montanhas, é completamente diversa da dos negros e mulatos que vivem nas baixadas, ao longo do litoral ou nas várzeas quentes e úmidas. Ademais, os juízos e opiniões correntes entre os membros das famílias tradicionais, comuns à pequena elite, pouca semelhança apresentam com os dos peões e colonos nas grandes proprieda-

des, ou ainda com os dos pequenos proprietários e agregados, que vegetam nos vales e planícies do litoral. Sem dúvida alguma, são de esperar-se essas grandes variações e é o que há de encontrar o observador que viaje um pouco ao sul e a leste do Rio Grande.

JUÍZOS E OPINIÕES LIGADOS AO SISTEMA DE CLASSE

Provavelmente dos ideários que prevalecem em tódia a América Latina, e com os quais se torna necessário que nos familiarizemos se vamos trabalhar na América espanhola ou no Brasil, ou com pessoas vindas desses países, o mais importante é o que diz respeito ao sistema de classes. Os espanhóis e portugueses que vieram procurar fortuna no Novo Mundo, estavam, desde o início, imbuídos da idéia de conseguir quem trabalhasse para eles em suas terras e minas. Como não se ignora, tiveram todo êxito na consecução desse objetivo básico. Do México ao Chile e Argentina, pela força de suas armas e mercê de suas táticas militares, os europeus depressa se firmaram como uma pequena elite de senhores, vivendo no luxo, à custa do labor dos nativos que eles organizaram em turmas de trabalho, que receberam em *encomienda* virtualmente como servos, ou capturaram e acorrentaram como escravos. É provável que a distinção entre essas três categorias — trabalhadores aliciados, índios mantidos em “*encomienda*” e escravos — tenha sido mais aparente que real. Seu verdadeiro *status*, as grilhetas em que os mantinham, as opressões a que estavam sujeitos e a existência miserável a que se viam reduzidos, pouco diferiam das condições dos escravos negros, desde cedo importados da África para preencherem a escassez de mão de obra. O resultado foi praticamente o mesmo em quase tódia a América Latina. A sociedade ficou nitidamente dividida em um pequeno grupo de aristocratas, no ápice ou quase no ápice da pirâmide social, e uma grande massa de trabalhadores servis ou semi-servis, na base. As poucas famílias que constituíam os primeiros logo se tornaram proprietárias de vastas extensões das melhores terras, enquanto os últimos — a maioria — eram forçados a arrancar uma parca subsistência da cultura das piores glebas — pequenos tratos que mal lhes bastavam — e nas poucas horas, durante a semana, em que não eram chamados a trabalhar nas propriedades dos senhores. Fazia-se sentir, ostensivamente, nessas sociedades agrícolas, a falta de algo que se assemelhasse à categoria dos pequenos fazendeiros — uma classe média forte — destinada a preencher a larga fenda que se formara entre as camadas mais baixas e as mais altas da pirâmide social. Essa afirmativa é verídica no que concerne às colônias hispano-americanas, onde os conquistadores se estabeleceram em novos centros administrativos, de onde exerciam seu domínio, como proprietários absenteístas, sobre as massas conquistadas e os escravos importados, nas plantações ou nas minas; aplica-se, também, ao Brasil colonial, onde os aristocratas estabeleciam suas mansões e sedes de poder no centro das respectivas propriedades e, dali, exerciam suas prerrogativas principescas sobre vastos domínios e sobre uma multidão de escravos e dependentes. Algumas gerações de trabalho forçado bastaram para despír os membros da classe inferior de tódia possibilidade de melhorarem a própria situação e para transformar em instituição a condição elevada dos senhores.

Assim, a sociedade latino-americana depressa se dividiu numa pequena elite afortunada, altamente educada, branca, aristocrática, para a qual nada era bom demais, e numa massa de trabalhadores agrícolas, humildes, miseráveis, doentes, de côr ou de raça mista. Embora centenas de milhares de elementos mais depauperados da classe inferior tenham recentemente emigrado para as cidades e metrópoles em rápido desenvolvimento, o fato não modificou radicalmente o sistema de classes. Apenas transformou uma parte da classe inferior num proletariado urbano e degradado. Contudo, o fato de muitos milhares de imigrantes europeus se haverem estabelecido em cidades latino-americanas, tais como Buenos Aires, Santiago, Havana, Rio de Janeiro e São Paulo, muito concorreu para desenvolver entre êles um genuíno espírito de classe média e mesmo se pode dizer de certos distritos rurais, como os do sul do Chile, sul do Brasil e algumas partes da Argentina, para as quais os imigrantes foram atraídos.

DESDÉM PELO TRABALHO MANUAL

Era natural que tal sistema de estratificação social gerasse e firmasse juízos e opiniões relativamente ao comportamento humano e às relações sociais. Mais notáveis ainda são os que ficaram — e continuam a ser — quase universalmente aceitos a respeito do trabalho e esforço humanos.

Por tôda a América Latina, o trabalho manual, o trabalho físico de qualquer natureza, atividades que tenham sido encargo de escravos ou de peões — são considerados como estigma de uma condição social servil ou semi-servil. Quem não se resignar com a vida de membro das classes inferiores, terá que evitar êsse tipo de trabalho como uma praga. É possível mesmo que quanto mais precário fôr o direito a uma situação um tanto acima das massas, maior será o esforço de o indivíduo abster-se de qualquer atividade tão degradante.

Tais idéias, profundamente arraigadas na maioria e universalmente aceitas, são, naturalmente, quase impossíveis de erradicar. Por exemplo, um visitante oficial dos Estados Unidos, que pessoalmente bater alguns cravos numa nova via-férrea, colocando os que o rodeiam na obrigação de fazer o mesmo, não estará atentando contra os preconceitos vigentes: estará apenas expondo ao ridículo, aos olhos do povo, os funcionários latino-americanos que o acompanharão e talvez mesmo arriscando-os a uma derrota nas urnas. Tais preconceitos também constituem imensa barreira à propagação, entre os agricultores latino-americanos, de técnicas e métodos agrícolas — o *Know-how*, de que tanto se ouve falar — que tornam o agricultor norte-americano invejado em tantas partes do mundo. Sei, por exemplo, de uma grande área na Colômbia, onde a simples aplicação de princípios elementares de seleção de sementes teria provavelmente mais do que duplicado a produção de batatas — seu produto básico. Quando externei essa idéia a um amigo, homem com curso universitário, dono de uma das maiores propriedades ou fazendas da área, pretextou êle que era desperdício a plantação das batatas maiores. Retruquei, naturalmente, que as batatas a semear deveriam ser cortadas para plantio. Após outras objeções, no sentido de que alguns pedaços não teriam “olhos” e, portanto, quem cortasse as batatas, não teria boa produção, passei a dar uma

demonstração de como se fazia nas principais áreas de cultura de batatas nos Estados Unidos. Trouxeram-me algumas batatas e mostrei-lhe como cortá-las. Mandou chamar o irmão que era administrador da fazenda, para que fizesse a mesma demonstração na presença dêle. A seguir, o irmão mandou chamar o feitor e pediu-me que fizesse mais uma vez a demonstração de como cortar as batatas. Finalmente, o feitor mandou chamar dois peões e tive de repetir o processo para os mesmos. Quando terminou, cada um dos peões cortou algumas batatas sob a minha inspeção mas só depois de havermos chegado no nível do trabalhador, é que alguém, a não ser eu, pegou na faca.

O problema fundamental suscitado por tais idéias com respeito ao trabalho manual e associado à nossa cooperação técnica com a América Latina é, naturalmente, saber como pode a realização de tarefas comuns na fazenda tornar-se socialmente aceitável para quem não seja tido e conhecido como de condição inferior. Se êsse obstáculo básico puder ser sobrepujado, tudo mais será relativamente simples.

USO DESREGRADO DA MÃO DE OBRA

Intimamente associada à noção de que o trabalho manual é degradante, surge a idéia que considera a mão de obra como de tão pequeno valor ou resultado que pode ser incrementada ao máximo no processo produtivo. No Brasil, particularmente, como, aliás, em muitas outras partes da América Latina, ouve-se eternamente o clamor sôbre a "falta de braços". Essa queixa tem sido tão universal nestes quatro séculos que cheguei a chamá-la de "estribilho" do Brasil. Contudo quer pelos meus padrões, quer pelos vossos, o que não há no Brasil e em outras partes da América Latina é escassez de mão de obra. A mão de obra é a única coisa que, no processo de produção, se gasta desregradamente. É, praticamente, jogada às urtigas. Com exceção das atividades pastoris, a terra sem dúvida não é usada extensivamente. O sistema de grandes propriedades a cargo de administradores ou mesmo a cargo de feitores, visitadas esporadicamente pelos proprietários absenteístas, faz com que as atividades de administração se reduzam quase ao mínimo. O capital é usado tão parcimoniosamente, que mesmo os instrumentos ou implementos mais rudimentares, para não falarmos dos animais de tração ou outras fontes de energia, são muito raros. Homens e mulheres trabalham as mais das vezes com as próprias mãos, e, na maior parte da América Latina, chega a ser inacreditável a soma de esforços humanos utilizados na produção de uma tonelada de açúcar, de uma saca de café, de um saco de feijão ou de um quintal de trigo ou de milho, ou na de uma unidade de qualquer outro produto. E aí está por que as idéias e práticas vigentes, relativamente à mão de obra e ao seu papel no processo produtivo, demonstram que o volume do produto jamais poderá ser assás grande, a fim de que possa dividir-se em parcelas apreciáveis por entre os que participaram de sua produção. Certo essas idéias determinam, em última análise, que o padrão de vida para todos, com exceção de alguns membros da elite, seja extremamente baixo, muito mais próximo do nível da simples subsistência vegetativa do que qualquer um de nós há de pensar ou sentir seja necessário, sobretudo quando tivermos chegado a apreciar as qua-

lidades excelentes dos humildes habitantes, de distritos rurais da América Latina. Eis aí outro valor básico, de suma importância, em conexão com a cooperação técnica.

REBAIXAMENTO SOCIAL E PESSIMISMO CONSEQUENTE

Igualmente ligado à natureza da estrutura de classe em toda a América Latina, pelo menos na minha opinião, é o que se poderia denominar *espírito de resignação* — concepção profundamente pessimista da vida, aceitação generalizada da idéia de que certas coisas que funcionam admiravelmente bem nos Estados Unidos, no Canadá ou em país europeu, fracassariam completamente no Brasil, na Colômbia ou em outra qualquer parte da América Latina. Não quero dizer, naturalmente, que todos os habitantes dos países latino-americanos estejam imbuídos de tais idéias; o que desejo indicar é que esse tipo de pensamento está muito disseminado entre as pessoas das classes com que lidamos. É provável mesmo que seja mais comum do que seria necessário e é algo que temos de enfrentar se formos trabalhar com latino-americanos. A base sociológica dessa mentalidade pessimista é um tanto complexa, mas cuido que todos concordarão comigo à medida que delinear meu pensamento a respeito. Para fazê-lo, traçarei um confronto entre as condições da América Latina e as dos Estados Unidos.

Como todos sabem, existe em nosso país pronunciada tendência no sentido da diminuição do número de filhos por família, à proporção que se ascende na escala social. É provável que o velho refrão “o rico ganha fortuna e o pobre ganha filhos” seja uma das generalizações bio-sociais mais rigorosas que até hoje se externaram em nosso país. Pois, em grande parte, os que têm ocupado cargos bem remunerados, de poder e de responsabilidade em nossa economia, os membros da classe média superior ou mesmo os da camada inferior das classes abastadas não lograram gerar filhos em número suficiente para que fôssem substituídos. Em contraste marcante, os que se encontram bem em baixo na escala social geraram muito mais filhos do que seria necessário para que o número se mantivesse constante. Aliado a isso, verificou-se rápida expansão em nosso sistema econômico-social, seguida de uma ampliação do número de cargos altamente cobiçados, tanto no comércio como na indústria. Todos esses fatos, aos quais se devem acrescentar as vantagens peculiares de nosso sistema educacional, contribuíram para uma rápida ascensão, na escala social, de milhões de concidadãos. Aliás, temos sempre a esperança de que nossos filhos venham a situar-se na sociedade em nível ainda mais elevado do que os seus pais. Ora, parece-me que esse conjunto de condições é a explicação básica da visão otimista de vida, que caracteriza o nosso povo.

Consideremos, por outro lado, como atuam, nos países latino-americanos, esses mesmos fatores. Quase sem exceção as sociedades desses países alicerçaram-se numa economia agrícola ou pastoril, exclusivista e absorvente, as mais das vezes de um tipo elementaríssimo ou primitivo. (É provável que mais da metade dos povos da América Latina esteja ganhando hoje a vida por um sistema de técnicas agrícolas ou de lavoura muito mais primitivas do que as que eram usadas pelos egípcios nos primórdios da História). Até a época da segunda guerra mundial, o aumento de posições importantes no comércio,

nos transportes e na indústria, era inexpressivo em comparação com o crescimento das populações. Uma geração nova encontrava poucas oportunidades a mais, nas camadas superiores da escala social, que a geração precedente. Por outro lado, não existem, na América Latina, as divergências que se observam nos Estados Unidos e em grande parte da Europa nos índices de natalidade. Os ricos e de posição têm tantos filhos (senão mais) quanto os das classes menos favorecidas. (E, em todos os níveis, o índice de reprodução é excepcionalmente alto, como se evidencia pelo fato de o coeficiente de natalidade hoje, em toda a América Latina, ser aproximadamente duas vezes mais alto do que o que suscita tão rápido crescimento demográfico em nosso país). Ademais, os membros das classes superiores conseguem, sem dúvida, que proporções muito mais altas dos seus filhos se livrem do efeito das doenças e da subnutrição do que as massas empobrecidas e sem instrução. A idade do casamento chega cedo e as gerações se sucedem com notável rapidez. O resultado é que o orgulhoso chefe de uma família conhecida não deixa apenas um ou dois descendentes para substituí-lo depois da morte. Antes de morrer, estará talvez rodeado por uma centena de filhos, netos e bisnetos, todos eles lutando desesperadamente para manter as aparências da classe em que nasceram. Se a fortuna da família fôr em propriedades, como em geral é o caso, menos de um século bastará para pulverizar os mais vastos patrimônios; e se a divisão legal não fôr feita, como muitas vezes acontece, a utilização dessas propriedades cedo poderá ficar paralisada devido à impossibilidade de chegarem a entendimentos práticos centenas de co-proprietários distribuídos por quatro ou cinco gerações. Tudo isso desencadeia forças exatamente opostas às que contribuíram, nos Estados Unidos, para a rápida ascensão na escala social. Na América Latina, as pressões vêm de cima e empurram para baixo grande número de pessoas. Em qualquer cidade latino-americana, encontrar-se-ão milhares de pessoas que, na aparência, pertencem à classe média. Comparados com pessoas da classe média, nos Estados Unidos, suas rendas não são maiores, seu trabalho em diferentes profissões e suas atividades burocráticas ou de qualquer outra espécie não diferem largamente, nem seus lares serão melhores ou seus níveis de vida, mais altos. Mas esses latino-americanos descendem de antepassados que outrora constituíram a elite dessas sociedades. Não estão absolutamente satisfeitos com a disparidade entre o nível em que nasceram, ao qual se sentem com direito, e aquele a que têm de acomodar-se forçadamente. A despeito de tudo, nem sempre as coisas lhes saem à feição, de forma que muitos em cada geração, acham a vida progressivamente mais difícil. Acredito ser esta a explicação da idéia generalizada de que é vã a tentativa de empreendimentos novos na América Latina. E, seja como fôr, essa atitude pessimista torna-se um elemento que importa enfrentar quando se ensaia qualquer cooperação técnica.

OS LATINO-AMERICANOS: GENERALIZADORES

Outro ponto que convém têmos em mente é que latino-americano educado, com o qual vamos entrar em contato, será certamente menos um especialista e muito mais um homem de cultura geral, que o seu congênere nos Estados Unidos. Num empreendimento em cooperação, o latino-americano terá informações, embora superficiais, de muitos campos do conhecimento,

saberá alguma coisa sobre atividades e setores profissionais, a respeito dos quais qualquer um de nós não terá a menor familiaridade. Por outro lado, suas idéias acerca de qualquer especialidade serão provavelmente falhas em muitos pontos que consideramos fundamentais. Seu âmbito mais vasto de idéias resulta, naturalmente, do sistema educacional de que participou e das atividades multiformes em que se empenhou depois de adulto. Raro, na verdade, é o latino-americano educado que pode ganhar a vida ou que a ganha com um só emprêgo ou profissão, ano após ano; e uma das primeiras coisas que aprendeu um especialista nosso enviado à América Latina, suponhamos que fôsse um técnico ou cientista em questões agrícolas, é que êle também teve de tornar-se um generalizador. Qualquer que seja o ramo de especialização, para ter êxito em seu trabalho, cumpre que êle dedique a maior parte do tempo a problemas ou atividades que seriam consideradas completamente fora de sua alçada nos Estados Unidos.

CRENÇA NA INUTILIDADE DE PLANOS A LONGO PRAZO

Finalmente, rematando estas observações, desejo referir-me a outra idéia tão generalizada em tôda a América Latina que deve ser incluída entre os "fatos básicos da vida" para quantos entre nós venham a trabalhar com latino-americanos. É o que se caracterizaria como uma convicção arraigada, quase fatalisticamente firmada, com referência à inutilidade de qualquer empreendimento a longo prazo, pela certeza de que as realizações se devem concretizar rapidamente, sob pena de completo malôgro.

Esta idéia, sem dúvida, é a conclusão, inevitável, que deriva de experiências, íntimas e diretas, com os processos políticos vigentes nos países latino-americanos. Desde os primórdios, a concentração da propriedade e do contrôle territorial; o latifúndio; a divisão da sociedade em dois grupos: uma reduzida elite e a massa colocada na base da escala social; o absentéismo (os grandes proprietários residindo nas capitais); bem como o contrôle político por parte de alguns privilegiados, colocaram numa verdadeira camisa de fôrça os governos estaduais e municipais. Em virtude de dispositivos constitucionais, que proíbem os habitantes dos Municípios de lançarem qualquer impôsto territorial, os membros das classes superiores privaram as massas rurais da população do uso do método experimentado e comprovado de congregar esforços locais com o fim de prestar os serviços de que têm necessidade. A terra é um refúgio para o capital dos proprietários absentéistas e o povo nas comunidades rurais tem de sofrer a falta de escolas, de proteção, de serviços médicos e sanitários, de estradas e pontes, etc. A iniciativa e responsabilidade locais são praticamente inexistentes. Tudo deve vir da capital e do govêrno federal. Daí, inevitavelmente, serem os latino-americanos com que lidamos favoráveis ao regime que estiver no poder. Se houver uma revolução do tipo latino-americano ou qualquer outra mudança no govêrno, imediatamente passarão à categoria de decaídos e seus lugares serão tomados pelos parentes e aliados políticos dos líderes que conquistaram a situação.

Como é bem sabido, golpes e revoluções se sucedem com regularidade quase cronométrica em muitos desses países. Mesmo, porém, quando não há queda violenta de um regime, não existe garantia de estabilidade nos cargos

governamentais. As mudanças ministeriais acarretam modificações no pessoal quase tão drásticas, em muitos casos, como as que acompanham a deposição de uma facção por outra, pelo processo que é denominado revolução nos países latino-americanos. A efervescência subterrânea das facções é característica das capitais nacionais. É mesmo a atividade principal de grande número de pessoas das classes superiores e provoca numerosas modificações. Em muitos desses países é quase impossível encontrar-se um homem de classe superior, com mais de 40 anos de idade, que não seja ex-ministro da Agricultura, da Educação, da Fazenda ou de alguma outra pasta. Em um país que visitei periodicamente nestes últimos 12 anos, algumas vezes até mesmo duas vezes por ano, nunca encontrei o mesmo homem como ministro da Agricultura em duas visitas consecutivas. Nas várias Divisões do Ministério, as modificações são quase tão rápidas e raro é encontrar-se alguém que tenha ocupado o mesmo cargo por mais de cinco anos. A freqüência com que essas modificações ocorrem é considerada inevitável.

O estudante latino-americano que vem para os Estados Unidos, enviado por qualquer motivo pelo seu govêrno, não pode ter razoável certeza de que continuará a receber os recursos com que conta para o seu período de estudo.

O chefe de um Departamento, que visita êste país, talvez já não o seja mais quando voltar ao cabo de alguns meses. O Ministro que nos visita talvez não continue ministro muito depois de regressar. O técnico que vem para treinamento, talvez pouca oportunidade tenha para aplicar o que aprendeu, no cargo do qual se afastou. A certeza de muitas modificações, rápidas e drásticas, é a única coisa com que podem contar.

Isto pôsto, adquire-se a convicção de que se faz mister realizar algo que produza resultados concretos rapidamente. Se os empreendimentos só podem amadurecer dentro de 15, 10 ou mesmo 5 anos, bem poucos poderão arriscar-se aos mesmos. Ninguém, por outro lado, deve pretender diferir a aprovação de trabalhos de um antecessor, familiarizando-se antes com os seus planos e políticas, a fim de lhes dar andamento em seguida. Todos devem começar do princípio e formular novos projetos. Cumpre-lhes descobrir meios e modos de chegar a realizações monumentais durante o seu curto exercício no cargo. Alguns mais afortunados talvez cheguem a ver secar a tinta dos projetos que conceberam antes de ir engrossar o número dos "ex". Poucos, no entanto, serão tão fátuos a ponto de pretender dispensar mais que um fingido interêsse por planos e programas a longo prazo.

Em conclusão, desejo declarar especificamente que, nesta palestra, me concentrei nos aspectos da problemática do tema. Centenas de juízos e opiniões que partilhamos com os latino-americanos, em grande parte como resultado de nossa herança européia comum, não foram aqui examinados.